

Prédica e Culto

Edson E. Streck

1.0 — O Culto

O termo “pregação” é genérico: abrange uma infinidade de formas de transmitir a palavra de Deus. A prédica é uma dessas formas. O que a distingue das demais é, acima de tudo, sua vinculação litúrgica ao culto (geralmente dominical) da comunidade¹.

O culto é, pois, o espaço em que a prédica se localiza. A partir daí, todo questionamento dirigido ao culto também atinge a prédica. Com certa frequência ouve-se a pergunta: “O culto ainda é o centro da vida da comunidade?” Quem coloca a questão nestes termos, na própria formulação já antecipa sua resposta: “Não!” Questiona, portanto, também a prédica.

Se em alguns lugares o culto não é mais “o centro” da vida da comunidade, percebe-se, porém, que ele não deixa de ocupar um lugar central. E, como tal, é insubstituível na vida comunitária.

A pessoa que prega deve dar a devida atenção a uma série de questões que, com razão, se levantam em relação ao culto.

1.1 — Perguntas a Quem Prega no Culto

Quem prega, ao fazê-lo, permite que o culto seja um serviço que a comunidade presta a Deus²? Proporciona espaço e condições para que a comunidade tenha a palavra? Fala em nome da comunidade?

Quem prega, ao fazê-lo, permite que o culto seja um serviço de Deus à comunidade? Proporciona espaço e condições para que Deus tenha a palavra? Fala em nome de Deus?

A comunidade tem sua própria história, seus problemas, sua(s) língua(s), seus pobres e ricos, seus grupos... É formada por determinadas famílias, por membros que têm sua vida própria. Cada família, cada pessoa convive com problemas e se alimenta de esperanças que se manifestam de forma diversa, específica de caso para caso. Como todas chegam à palavra? Como cada uma chega à palavra? Como a Palavra chega a cada uma e a todas?

O culto é mais do que a prédica. Quem prega, ao fazê-lo, dá condições para que outros elementos do culto tenham a palavra? Permite, por exemplo, que o

corpo se expresse? Permite que Deus e a comunidade se expressem também através de hinos, orações, gestos, símbolos, cores, arquitetura, objetos...?

2.0 — A Comunicação no Culto

O *culto*, sem dúvida, é central — mas não é o único espaço/momento em que acontece comunicação na comunidade.

A *pessoa que prega* exerce função central no culto, mas não é única pessoa que comunica. Ela não é o centro.

A *palavra* é central no culto como meio de comunicação, mas não é o único meio.

No culto, nada deixa de comunicar uma mensagem. Pessoas, objetos, o ambiente, gestos, sons... tudo tem sua mensagem. Cada elemento tem sua mensagem³.

O caminhar para a igreja:

Colocar-se no caminho que leva à igreja de certa forma já faz parte do culto. Encerra a decisão de partir de um contexto pessoal em direção a um ambiente comunitário. Revela a iniciativa de deixar a vida pessoal de lado, em busca de um convívio mais próximo com Deus e com outras pessoas. O sentido do andar lado a lado, em nome de Deus, mostra a força da procissão (relegada a plano secundário na Igreja Evangélica). A conversa antes do culto, principalmente em comunidades no ambiente rural, é o momento mais alto da vida social.

Início do culto:

Quando realmente se dá o início do culto? É difícil determiná-lo, talvez impossível, por ser um momento muito pessoal. Está no chamado? Na motivação? No convite? Na disposição de segui-lo? Possivelmente em todos e em cada um desses momentos.

Sino:

Ele informa as horas. Anuncia notícias graves e momentos alegres. Lembra a força da comunidade, que o adquiriu e colocou em lugar de destaque, em forma de mutirão. O sino é sólido, frio, insensível — mesmo assim comunica!

Arquitetura da igreja:

Geralmente há espaço, na entrada da igreja, para recepção às pessoas. A torre a destaca entre outras construções e aponta para Deus. Em seu interior, a distribuição do ambiente físico indica se há condições apenas para uma comunicação dirigida ou se torna possível maior participação da comunidade. Toda a sua arquitetura comunica!

Bancos:

Fileiras de bancos voltados ao altar indicam a união de pessoas que se

dirigem, como um todo, à mesma direção. Se estão em círculo, tendo no centro a mesa do Senhor, possibilitam maior participação de todos, que podem inclusive encarar-se com maior facilidade.

Altar:

Lembra, entre outros aspectos, o sacrifício praticado pelo povo de Israel, registrado no Antigo Testamento. Aponta para a morte de Cristo. É, além disso, a mesa do Senhor, indicando a entrega total de Deus em Jesus. Convida-nos, assim, à entrega de nossas próprias vidas a serviço do Reino.

Quando permite ver o nascer do sol, aponta para a ressurreição de Jesus. Quando todos, inclusive o pastor, se voltam na mesma direção — ao altar —, manifestam a união da comunidade em torno do mesmo Deus, ao redor da mesma mesa, na confissão da mesma fé, vivendo da mesma esperança, alimentando-se da mesma Palavra...

Silêncio:

É momento especial para oração, para meditação pessoal, para contemplação...

Música e canto:

Exprimem o que palavras não conseguem comunicar. Os instrumentos, criados por mãos humanas para louvar a Deus, convidam as pessoas a agradecer àquele que é seu Criador. O canto, o coral e o conjunto de instrumentos musicais tornam-se expressão de união da comunidade: na união de dons/tons diferentes manifesta-se a força e beleza de uma vida em comum união. Os hinos, além disso, nos ligam ao passado e estimulam a criatividade para a criação de novos cantos, que também serão cantados no futuro.

Postura:

Quem se coloca de pé manifesta disposição consciente de partir e servir. Indica que está preparado. Demonstra respeito e honra. Quem se põe de joelhos, para receber a bênção ou para alcançar melhor concentração, presta sinal de reverência.

Mãos:

Na oração, as mãos encontram as mais diversas e significativas formas de revelar o que se passa no íntimo de cada pessoa: entrelaçadas, erguidas, unidas, estendidas a outras pessoas. Na Ceia, com as mãos em concha, muitas pessoas recebem o pão consagrado. Na recepção e na despedida, mãos se estendem e se encaixam nas mãos de outras pessoas.

Postura do/a pastor/a:

Quando se posiciona de frente para a comunidade, revela estar falando por incumbência e em nome de Deus. Ao colocar-se na mesma direção da comunidade ou ao integrar o círculo por ela formado, indica que se põe perante Deus, como membro da comunidade.

Talar:

É sinal de que a pessoa que o veste é eleita e instituída pela comunidade, autorizada pela Igreja, vocacionada por Deus, para conduzir a comunidade a Deus e para trazer a palavra de Deus à comunidade. Quem o veste, deve ter a postura de quem ouve e fala; jamais, a postura de quem apenas fala.

Peitilho:

Manifesta que a palavra de Deus contém Lei (pecado) e evangelho (graça); indicativo (ação de Deus) e imperativo (nossa ação).

Cruz:

É o símbolo que identifica a Igreja. Encerra o convite de Jesus de assumir a cruz e segui-lo. A cruz que contém a imagem de Cristo expressa sua dor, não permite minimizar sua morte. Sem a imagem de Cristo, a cruz atesta sua vitória sobre a morte, aponta para a ressurreição como fato e promessa.

Velas:

Manifestam, ao trazer luz, o ato primeiro de Deus, o Criador. Indicam Cristo, a luz do mundo. Sendo consumidas pela chama, convidam cada cristão a entregar a própria vida para que outras pessoas encontrem o caminho, tenham luz e calor. Lembram o sacrifício de Jesus. Quando acesas: mostram nossa impossibilidade de brilharmos por força e iniciativa próprias e asseguram que somente o conseguimos, se movidos pela força de Deus, pelo Espírito (= fogo). O número de velas encerra uma simbologia própria: uma, duas, três, sete, diversas...

Flores:

Mostram a natureza como irmã na criação. Cortadas e colocadas em um vaso sobre o altar, mesmo estando a caminho da morte, transmitem vida, doação, beleza, perfume... Apontam para a morte de Jesus. Acompanham nossos gestos de amor.

Cores:

Em vestes e paramentos, seguem as datas e épocas do ano eclesialístico. Branco: festa, paz, luz, pureza... Violeta: penitência... Preto: ausência de luz... Verde: crescimento silencioso, esperança... Vermelho: fogo (Espírito Santo), sangue, testemunho, Igreja...

Bíblia:

Lembra a necessidade de que venha a ocupar o centro de nossas vidas e da convivência em comunidade. É fonte e alimento.

Água, pão e vinho:

São os elementos dos sacramentos. Estimulam todos os sentidos a participar da mensagem de vida que Deus traz. Da pregação visível da palavra de Deus que estes elementos proporcionam, participam não só ouvidos, mas também tato, olfato, gosto, visão.

Corpos:

Deus, em Jesus, é Verbo que se torna carne/corpo/ser humano/gente. Não é só idéia, pensamento. Torna-se visível, palpável, concreto, presente. Nos invade, alimenta, impulsiona em direção ao próximo. Infelizmente ainda são raras as nossas manifestações corporais no culto.

Quadros:

Palavras de um artista cristão, referindo-se a um de seus quadros: “Eu falo através da figura que toma forma, não falo através da palavra... Por isso muitas de suas figuras enigmáticas e muitos dos procedimentos retratados não conseguem ser formulados com palavras” (Wolfdietrich Wickert). A importância de “santinhos” e vitrais já se revela na Idade Média, junto a pessoas que não têm acesso à Palavra escrita. A tradição protestante, que tirou muitas imagens das igrejas, aos poucos procura recuperar os séculos em que deixou de usar o impacto da imagem na pregação da Palavra.

Convém reconhecer, pois, que a prédica não ocupa o único centro, mas um lugar central no culto. É palavra transmitida por uma pessoa que ocupa lugar central no culto, mas não se transforma no único centro de irradiação de mensagem. É palavra que reconhece o seu poder como palavra, mas abre mão de ser o único meio de comunicação.

3.0 — A Prédica

Ouve-se, também com certa frequência, a pergunta: “A prédica ainda é o centro do culto?” Ligada a esta, a preocupação: “Somos ainda a ‘Igreja da Palavra?’” Quem coloca a questão nestes termos, na própria formulação já antecipa sua resposta: “Não!”

Se a prédica, lá e cá, não é mais o centro do culto, percebe-se, porém, que ela ainda ocupa lugar central. E, como tal, é insubstituível no culto e na vida comunitária.

A pessoa que prega deve dar a devida atenção a uma série de questões que, com razão, se levantam em relação à prédica.

3.1 — Perguntas a Quem Prega

Quem prega, ao fazê-lo, dá a palavra à comunidade? Na prédica são realmente abordados problemas e anseios da comunidade? Suas alegrias e esperanças recebem o devido espaço?

Quem prega, ao fazê-lo, dá a palavra a Deus? Na prédica é realmente o texto bíblico que fala, voltado a pessoas da atualidade? Ou fala mais alto a teologia própria de cada pregador, dirigindo e manipulando a palavra de Deus?

O texto — cada perícopo — tem seu *proprium*, sua mensagem específica. Quem prega, ao fazê-lo, se aprofunda o suficiente no estudo, à procura desse *proprium*? E o faz de tal forma, que o texto passe realmente a “cativá-lo” pessoalmente, antes que se proponha a contextualizá-lo, numa prédica, à comunidade? Quem ouve o texto, o faz com tal profundidade que permita que a palavra bíblica venha inclusive a mudar concepções teológicas próprias? Existe tal abertura, por parte de quem prega?

Cada pessoa que prega também é um “*proprium*”. É pessoa única, com sua própria história. Em que medida a pessoa que prega é, nas suas marcas bem pessoais, uma ajuda ou um estorvo para a comunidade e para a palavra de Deus? Há espaço suficiente em sua vida para auto-análise, para autocrítica?

A prédica é mais do que uma palavra que se junta a outras. É mais do que um amontoado de palavras. Quem prega, ao fazê-lo, permite espaço para outros meios de comunicar a Palavra? Falam, de forma consciente, as suas mãos, seus olhos, gestos, vestimenta, aparência, movimentos...?

Quem prega, ao fazê-lo, procura, além das palavras, outros meios de comunicação? Ou se limita e prende ao púlpito, um lugar determinado dentro de uma igreja? Há espaço para a criatividade?

Quem prega, ao fazê-lo, está consciente de que a comunidade não apenas ouve suas palavras na hora do culto, mas o observa, vê, conhece e ouve na sua vida diária? Sente, a partir daí, o quanto são inseparáveis: palavra e ação? Sabe, pois, que o modo de vida, que o modelo que transmite em seu agir e falar, fala tanto ou mais do que sua pregação no culto? Que a ação confirma a palavra, que a palavra firma a ação? Ou que ambas se anulam, quando desconexas e flagradas em incoerência? Sua vida é uma pregação!?

Quem prega, ao fazê-lo, dirige-se apenas à razão? Ou fala, também, ao coração? Tem como principal objetivo a reforma de estruturas sociais? Dá espaço, também, para os sentimentos? Ou volta-se tão-somente para o metafísico, destacando unicamente o aspecto espiritual, omitindo-se em questões sociais que afligem e matam o corpo?

4.0 — A Palavra que Pregamos

A vida de Jesus o demonstra com toda a clareza possível: a palavra é muito importante, é decisiva. Quando isolada, porém, ainda não é tudo. Ela não tem uma finalidade em si mesma. Na caminhada de Jesus para Emaús, em companhia de alguns discípulos que lamentavam a morte dele, o ressurreto troca palavras com eles. Conversam ao longo do caminho: “E, começando por Moisés, discorrendo por todos os profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras” (Lc 24.27). Mesmo assim, com todo esse intercâmbio de palavras e idéias, os discípulos não o reconhecem. “E aconteceu que, quando estavam à mesa, tomando ele o pão, abençoou-o, e, tendo-o partido, lhes deu; então se lhe abriram os olhos, e o reconheceram...” (Lc 24.30-31a.)

Para que seja palavra de Deus a palavra que pregamos, convém que nosso falar — inclusive nossa prédica — seja mais do que palavras que fazem “arder o coração” (Lc 24.32). É mais do que um amontoado de palavras. É palavra reconhecida como palavra de Deus no momento em que, como o sacramento, estiver indissolivelmente ligada à ação: “palavração”. É palavra que, na práxis, reparte o pão — reparte vida — e permite que surja vida nova.

A palavra de Deus tem o poder
de criar, no caos, um paraíso.
Quando nós brincamos de Deus,
quando a nossa palavra
toma o lugar da palavra de Deus,
criamos, bem mais, um dilúvio
ou um caos que a Bíblia chama de Babel.

A palavra de Deus está grávida de amor
e, em Jesus, torna-se gente, como a gente.
Quando não damos a palavra
ao Deus do amor,
pregamos seu corpo à cruz, até à morte.
E deitamos pedras sobre ele.

A palavra de Deus tem a força
de fazer da cruz um túmulo vazio;
da morte, uma vida nova;
do caos em Babel, uma enorme festa — Pentecostes.
Dá seu Espírito à Igreja.
Quantos apagaram este fogo!
Outros, o esconderam.
Muitos, porém, inflamam,
movidos pelo Espírito, outras chamas.
E se percebe, aqui e ali,
luzes na escuridão.

A palavra de Deus traz a esperança
de ver toda a terra — também a Igreja! —
transformada no reino dos Céus.
Esta palavra ele nos confiou — à Igreja:
que talento precioso!
Quantos enterraram esse talento!
Outros, aplicaram-no em benefício próprio.
Muitos, porém, o investem em outras pessoas,
na VIDA.
Bênçãos se multiplicam.
E se percebe, aqui e ali,
a morada de Deus entre a gente.

Notas

- 1 Cf. Nelson KIRST, *Rudimentos de Homilética*, 2. ed., São Leopoldo, Sinodal, 1993, p. 17s.
- 2 A palavra “culto”, na língua alemã, é *Gottesdienst*. Encerra o duplo sentido: serviço que Deus presta, serviço que se presta a Deus.
- 3 Os apontamentos a seguir pretendem indicar quantos elementos e momentos de comunicação não-verbal estão presentes no culto. Não há pretensão — nem condições! — de esgotar o significado que cada um encerra.

Edson Edilio Streck
Escola Superior de Teologia
Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo — RS